

## O CISNE NEGRO

Paulo Marchon - Psicanalista da SBPRJ, SPR e GEPFOR

*Qual Cisne Negro que em noite sem lua  
Vai deslizando no mar escuro  
E traz remorso por ente amado,  
Por mãe amada em que tanto pensa.*

O autor comenta que o cinema atual está nos tornando “voyeurs”. Desta forma, invadimos ao vivo a sexualidade mais íntima dos seres humanos. A tecnologia chinesa já realizou um filme pornô em 3D em que as imagens ficam a poucos centímetros do espectador. Meltzer dizia que, se o analista do princípio do século XX tinha que se haver com a hipocrisia vitoriana, nós agora temos que trabalhar com a hipocrisia da decadência. *No Cisne Negro*, a ausência do pai é preenchida pelo perfeccionista Professor Robarth, que considera somente possível a Perfeição se a bailarina conseguir “soltar-se” ao máximo. Numa sedução terrível, ele conduz duas delas, dois Cisnes, à morte. Tudo isso num clima de estimulação à rivalidade, à vitória a qualquer preço, ao incentivo à inveja, ao ciúme e à sexualidade mais franca.

“Suspendamos a descrença” é a proposta que todos nós fazemos quando vamos ler um romance ou ver um filme, mas, apesar de atender a esta condição, não devemos deixar de tentar vislumbrar as intenções subterrâneas – conscientes e inconscientes -- do diretor do filme: ele, em *Cisne Negro*, vende a idéia que, para Nina dançar bem mesmo, só se ela conseguir “soltar-se”, “não fingir”, à moda dele, Professor. Procura-nos levar a crer que sem isto é impossível a Perfeição. Podemos nos deixar envolver por esta proposta e passarmos a considerar que os critérios da Perfeição sejam estes. É bem verdade que os cri-

térios podem ser estes, mas sem as intenções conscientes e inconscientes do professor. Devem até ser acrescidos de outros critérios mais amplos, que todos nós podemos imaginar. Poderíamos então ver o matizado do conjunto, em que o *todo* fosse maior do que a soma das partes e principalmente maior do que algumas partes somente.

Não podemos deixar de comentar o fato de que o cinema atual nos conduz a todos nós -- ao voyeurismo. Mas um psicanalista, que se preza, dizer-se conduzido por uma massa infrene é, pelo menos, esquisito. Claramente eu escolho, em minha vida, como todo mundo o faz, onde me interessa ignorar a frase do orgulho romano: *Non ducor, duco*. Não sou conduzido, conduzo! E tento escapar para o inverso em certas ocasiões, *Non duco, ducor*: não conduzo, sou conduzido. Tudo isto é para dizer que não há como deixar de ver relações sexuais nos filmes. Não há?! Um paciente meu, desconhecendo filmes e referências sobre filmes, há uns quinze anos atrás, levou para casa a fim de ver, com a maior e mais autêntica candura, toda a família, filhos e filhas menores, o *Satiricon* de Felini. As insinuações dos filmes do passado com a porta fechando ou os recém-casados entrando no apartamento da lua de mel, o novel marido com a amada nos braços e, com o calcanhar fechando a porta, já são antiquadas. Hoje, os diretores não podem deixar de mostrar muito mais: mostrar o que se passa lá no quarto

deles e, ou principalmente, lá no quarto dos pais. Não precisamos alucinar como fez Nina “vendo” o Professor-Thomas Leroy em relação sexual com Lily, pois temos o cinema a nos mostrar. E nós, com o *Cisne Negro*, penetramos na intimidade sexual de uma jovem vendo-a, mesmo quando ela estava trançada a pau no seu quarto. Tudo ao vivo. Tudo muito nobre. Sobre a nobreza eu posso perfeitamente dizer, porque fui eu quem sugeriu este filme para que o discutíssemos: “Oh! É uma obra de arte, gente, todos, todos venham ver!”. Poderia justificar-me e dizer que eu nem havia visto o filme ainda, e é verdade, como se eu não pudesse antever, como se eu não conhecesse o que poderia advir tendo ouvido um comentário de que era um filme pesado, de drogas e de danças, baseado na beleza de *O lago dos cisnes*, de Tchaykovsky. Mas só na beleza de *O Lago dos cisnes*, que eu vi com a maravilhosa Maia Plissetskaia, no Teatro Municipal, do Rio? Os braços dela não eram braços, mas sim asas de um cisne, que não precisavam de penas para voar. Minha posição neste momento, ou minha defesa faz lembrar um pouco o caso do intelectual que compra a revista *Play-boy* e diz que apenas “lê”, mas não “vê” a dita Revista, só “lê”, pois apenas compra *Play-boy* por causa das entrevistas. As moças nuas da revista não são nem entrevistas... Ah! Se elas – as moças – fossem entrevistas, todos as veriam nos mínimos detalhes...

Donald Meltzer, o famoso psicanalista, tem razão quando nos chama atenção para o fato das modificações em relação à sexualidade nestes cento e poucos anos. Parece que houve uma grande oscilação do pêndulo. É possível que uma parte deste movimento se deva à obra de Freud e seu impacto na cultura ocidental. O pêndulo jazia então no extremo do que nos acostumamos a desig-

nar com o nome de hipocrisia vitoriana em relação à sexualidade. Estamos há cento e poucos anos depois de Freud haver criado a Psicanálise. Meltzer considera o momento atual - em que o pêndulo toca o ponto oposto ao da época vitoriana--, como sendo o da hipocrisia da decadência. Diz ele:

O meio que favoreceu na época vitoriana, à formação dos sintomas na esfera do conflito sexual, agora, na volta do pêndulo, favorece ao fortalecimento da perversão do caráter. Assim como Freud teve que enfrentar a suspeita de ser um “amoralista”, aqueles que --como nós -- acreditamos na realidade psíquica, têm que enfrentar interna e externamente, a pecha de ‘moralistas’. (p.8-9)

E olha que Meltzer não era, em absoluto, um santo. Sobre este tema consultemos um dos biógrafos de Freud, o mal-visto canadense Paul Roazen, que deturpou muitas coisas do criador da Psicanálise. Roazen se referiu a Wilhelm Reich, um sofrido marxista reformador e revolucionário, que chegou à Psicanálise em 1920. Reich é autor de livros muito vendidos mesmo atualmente, entre eles está o *Escuta Zé Ninguém*. A respeito dele afirma Paul Roazen:

Reich não conseguiu convencer os analistas do significado diagnóstico de satisfação sexual, da satisfação orgástica. Reich acreditava que a saúde dependia da realização orgástica e era favorável à gratificação sexual plena e livre. (Essas ideias não agradavam, de maneira alguma, a Freud). ... Reich sustentava que muitos dos problemas dos adultos jamais teriam chegado a desenvolver-se, se a expressão sexual não tivesse sido prematuramente reprimida. Esse aspecto liberacionista de Reich assegurou-lhe crescente popularidade. Reich argumentava que ‘Freud estava traindo sua posição original e revolucionária que era a

favor dos direitos da libido'. Freud contestou, por sua vez, que Reich estava tentando fazer a Psicanálise regredir e limitar o conceito de sexualidade ao que havia existido antes de Freud, isto é, considerar como sexualidade apenas e exclusivamente sua parte genital.

Aos poucos, Wilhelm Reich, por não encontrar apoio às suas ideias, afastou-se de Freud e da IPA, a Associação Psicanalítica Internacional, até que, em 1934, abandonou-a de vez.

Não será que Meltzer poderia estar apontando com o que denominou de hipocrisia da decadência e “perversão do caráter” algo que mereça nossa consideração? O estímulo ao voyeurismo e exibicionismo atual que o cinema difunde e propaga, atingindo mentes mais frágeis, poderia estar também, entre outros fatores, estimulando um aumento dos estupros, dos crimes sexuais, da pedofilia e dos *serial-killers*, todos eles fenômenos baseados na perversão do caráter. Todos nós estamos com medo de que a Chacina da Escola de Realengo, no Rio, contamine e estimule novas chacinas. Se temos medo da Realidade, por que não deveríamos ter medo da Hiper-realidade que nos é trazida pela imagem? Quando Goethe publicou seu famoso livro *Werther*, em que o jovem personagem se suicidou por amor, desencadeou uma onda de suicídios no mundo. Era um romance autobiográfico, mas Goethe não se suicidou. Ele se penalizou pelas mortes dos jovens e se arrependeu de haver escrito o livro. Saibamos que a arte pode ter o seu preço. Em enfermarias psiquiátricas sabemos que, quando se inicia uma crise histérica, o contágio, às vezes, segue como uma onda. Ouso dizer que nós sentimos muito mais intensamente uma história de uma criança abandonada mostrada em um filme ou em

um livro, -- ocasião em que lágrimas furtivas são vertidas, -- do que ao vermos crianças abandonadas nas ruas de nossa cidade. O ato valeria por cem palavras enquanto que a imagem vale por mil palavras. Vivam a fotografia, a televisão e o cinema. Chaplin fez filmes maravilhosos sobre o amor à criança, dos quais o célebre *O Garoto* é um dos grandes exemplos, mas casou-se com jovens atrizes, duas delas com 16 anos de idade, com as quais teve grandes conflitos. É provável que, com Oona O'Neil, sua última esposa, que tinha 17 anos, tudo tenha sido diferente e hajam ambos conquistado a felicidade. Se tratou mal às suas mulheres, seus filhos necessariamente sofreram, pelo menos os dos primeiros casamentos. Isto é, tem-se mais piedade com a imagem do que com o ser humano real.

Para complementar, vendo o presente, mas com a perspectiva do futuro, façamos referência a um filme erótico chinês em 3-D, que, com os óculos especiais, coloca as artistas – eu disse – *as artistas* a poucos centímetros do espectador, onde quer que ele esteja. Na primeira semana, já rendeu mais do que *Avatar*. O holograma e outras inovações vêm por aí. O sexo virtual já está nos lares e, *Assim Caminha a Humanidade*, um filme casto dos tempos antigos também. Malinowsky em seu livro sobre os nativos da Ilha Trobriand comentou que, na época de retirada das ervas daninhas dos campos plantados, atividade da qual todas as mulheres da tribo participavam, elas atacavam qualquer passante, arrancavam-lhe a sunga e praticavam com a pobre vítima os atos que, no dizer do grande antropólogo, seriam “ignominiosos e orgiásticos” (p.55). Lá a castidade não era uma virtude, mas, depois de casados, os ciúmes seriam como no nosso mundo.

Mas, finalmente, vamos ao filme *Cisne Negro*:

Neste filme um fato nos chama logo a atenção: a ausência completa do pai, mas Thomas Leroy, o professor, preenche a função paterna com sobras para todos os lados.

A mãe está com a filha e, também diante da filha, no vôo do trampolim que Nina está alcançando para a fama. É um vôo de trampolim que atinge a Perfeição no seu salto e realiza um mergulho na morte. Nós todos demos, em nossas vidas, muitos passos – e não vôos de trampolim. Por certo em termos bem mais simples, em nossos vestibulares e no vestibular de nossos filhos. Vamos pensar um pouco em nossas vidas simples e talvez mesquinhas. Mesmo os pais que não conseguiram fazer um curso superior, pelos mais variados motivos, podem torcer para que seus filhos sejam aprovados. Ampliemos a imaginação, ficando não apenas no nosso vestibular, mas também indo ao nosso primeiro emprego. Que sentimentos podemos ter experimentado? Será que vivemos algo semelhante à mãe de Nina? Será que sentimos algo com características, embora distantes, mas que podem em um momento ou outro lembrar os sentimentos de Nina? Talvez tenhamos tido alguma chance muito boa na vida e uma Lily qualquer, sorratamente, nos roubou. Jorge de Lima, o grande poeta brasileiro, contou e cantou a história da Negra Fulô, a quem a Sinhá acusou de haver roubado sua “água de cheiro” e, por isto, mandou-a ser açoitada pelo Feitor, mas, quando o Sinhô a viu, resolveu açoitá-la pessoalmente:

***O Sinhô foi açoitar  
sozinho a negra Fulô.  
A negra tirou a saia  
e tirou o cabeção,  
de dentro dêle pulou  
nuinha a negra Fulô.***

***Essa negra Fulô!***

***Essa negra Fulô!***

***Ó Fulô! Ó Fulô!***

***Cadê, cadê teu Sinhô***

***que Nosso Senhor me mandou?***

***Ah! Foi você que roubou,***

***foi você, negra fulô?***

***Essa negra Fulô!***

É conhecida em nosso país uma época em que se glorificava a eleição de Miss Brasil, de tal maneira que sua eleição era um acontecimento nacional. O Brasil parava para ver os desfiles, a eleição da Miss da Cidade, depois a eleição da Miss do Estado, numa pré-final a Miss Brasil e, ao final, a apoteótica Miss Mundo. Marta Rocha é um produto desta época, fato que leva sua beleza a repercutir até hoje, de tal modo, que eu não preciso dar detalhes dela, mesmo que sejam apenas dois centímetros a mais. Mas, de qualquer maneira, eis os dois centímetros a mais de detalhe: era em relação a um fenômeno paralelo, as mães das misses. Estas sim eram terríveis, onipresentes, dominadoras, cada uma levando sua filha como troféu, lutando bravamente por suas vitórias, vitórias que eram tanto da filha quanto da mãe. A mãe de Nina, a Rainha dos Cisnes, não era, positivamente, uma mãe de Miss. Não tinha nem nome no filme. Era MOM e somente uma MOM, uma MAMÃE que não era ouvida. Era uma mãe mais quieta. Nina talvez lesse *O Pequeno Príncipe* de Antoine Saint-Éxupéry e até então levava uma vida simples de dançarina qualificada, que se esforçava muito e que tinha chances de ser a Rainha-Cisne, condição que a mãe, dançarina também, não havia podido ser.

## Sobre o diagnóstico

Houve um tempo, o meu tempo, na Psiquiatria, em que se distinguia a reação esquizofrênica da Esquizofrenia mesma, a chamada Esquizofrenia Processual. Na reação esquizofrênica considerava-se que os fatores ambientais, os traumas emocionais que a realidade da vida nos impinge, fossem predominantes, ao passo que, na Esquizofrenia mesma, na Esquizofrenia *vera*, os fatores próprios, aqueles que são da pessoa mesma, os chamados fatores endógenos, internos, fossem os que dominassem a cena e a tão terrível doença mental surgisse sem a prevalência do concurso de motivações do meio. No caso de Nina, como ela morreu muito cedo, não se teve a evolução para se saber onde iria parar a terrível doença mental dela. Acompanhei casos de mocinhas e rapazes que desde a juventude foram marcados pela doença esquizofrênica. Alguns se recuperaram enquanto outros foram implacavelmente marcados pela terrível doença mental. Se for para se definir um diagnóstico de Nina eu ficaria mais com a hipótese de reação esquizofrênica. Ela vivia uma época muito tensionante de sua vida. Mas no que diz respeito a se saber se Lily, a dançarina rival, foi realmente à casa de Nina e lá fez sexo oral com ela ou não fica ao critério de cada um. Penso que o Diretor ao colocar a mãe brigando com Nina para que ela não se trancasse no quarto mostrou que ali, naquele momento, não era alucinação. Era pura realidade. Mas o Diretor faz o que quer e depois pode dizer o que desejar para justificar o encaminhamento que deu à película. Nós levamos a vida de quem não é Diretor, a vida de incertezas...

Podemos concluir então que Lily seria extremamente astuta e estaria lutando com todas as armas para tomar o lugar de Nina,

utilizando até a técnica de enlouquecê-la, ao dizer que não havia dormido com ela na véspera.

## Saindo do diagnóstico e indo para Nina

É inegável também que Lily levou-a para drogá-la e eliminá-la. Nina atendeu e obedeceu à Lily, pois esta expressava o mundo da destrutividade interna, da própria Nina, provavelmente ligado à culpa porque Nina imaginaria estar ocupando o lugar da mãe e eliminando-a se, no final, obtivesse sucesso. Sob este ângulo, para ter o direito ao sucesso ela teria que pagar com a morte. Uma imagem de mãe interior de Nina diria: “Você tem que ser como eu! Você para continuar viva tem que *não* ser a Rainha-Cisne!”. Como se vê, a imagem de mãe interior que Nina tem é muito diferente da mãe da realidade externa – a mãe mesma --, que luta para que Nina seja uma dançarina e, se possível, uma Rainha-Cisne.

O sonho de Nina em ser a Rainha-Cisne, os esforços para conseguir realizá-lo deram coloridos especiais à evolução do quadro esquizofrênico da moça. Quando ela se pergunta por que Lily está a encará-la penso que mostra o que os psiquiatras chamam de humor delirante difuso. Os psicanalistas estudam isto sob o ângulo da chamada Identificação Projetiva em que Nina coloca partes dela mesma, Nina, que ela não gostaria de ver em si mesma, depositando-as em Lily. Para Nina fazer isto ela estaria sob um sentimento de um grande poder, vamos dizer, a célebre onipotência, que lhe permitiria achar que tem esta capacidade, a de se desfazer de aspectos indesejáveis e colocá-los em quem bem entende, como se a outra pessoa fosse uma latrina, onde ela colocaria partes ruins ou indesejáveis. Tudo isto é inconsciente e

todos nós fazemos isto, seja mais intensa ou menos intensamente. Diríamos menos intensamente do que Nina, para salvação nossa. Mas tudo é uma ficção, pois o problema – aquela parte que é nossa -- continua em nós mesmos. Como sabemos, Nina está brigando para ser a Rainha, a tal ponto que, – no final do filme –, ela vai até ao professor para pedir que Lily não seja nem mesmo sua substituta eventual. Nina, então, tem que se haver com o que ela colocou em Lily e daí sente que Lily faz parte de um movimento do mundo contra ela: “Por que ela está me encarando?” O que Nina colocou em Lily se volta contra Nina. É claro que é mais fácil a gente colocar aspectos nossos indesejáveis em pessoas adequadas a este tipo de recepção. Lily é a dançarina mais fácil de receber este mundo conflitivo de Nina, pois Lily realmente deseja o lugar de Nina. Kurt Schneider, um grande psiquiatra de Heildelberg, conta que havia uma moça do povo que tinha um delírio de ser amante de um príncipe e que, na realidade sofria de uma esquizofrenia delirante, mas que tinha mesmo um príncipe como amante. Ou seja, os problemas se unem no final.

Desta forma, colocando sua vontade de eliminar Lily de sua frente como Rainha dos Cisnes e Rainha do Professor, Nina conseguiu algo impressionante: desfez a separação entre ela e Lily e, daí entre ela e qualquer pessoa, entre ela e a mãe, dando lugar aos chamados estados confusionais. Incerteza sobre quem é quem. Lá pelas tantas ela não sabe se dormiu ou não com Lily. Tudo fica confuso. Ela não sabe se Beth está ou não se esfaqueando. Mas, se não há separação entre ela e as pessoas, Nina não depende de ninguém, não precisa de ninguém, nem da mãe e também não precisa sentir inveja ou gratidão, pois só existe Nina e o mundo que ela cria: Beth é quem se esfaqueia, Lily é quem a leva para as drogas

e que a faz chegar atrasada no ensaio, a mãe é que não deseja que ela seja Rainha-Cisne e assim por diante. Para a mãe e para Lily a pergunta foi a mesma “por que você não me acordou”? O que vocês duas estão fazendo na vida que não cumprem a função que eu lhes dei de me acordar e de me dirigir na vida? O poder de Nina é absoluto, onipotente e advém de um sentimento de grande impotência.

Depois sobrevêm o comportamento bizarro e atos aparentemente incompreensíveis, como o de pegar um pedaço de pau na lixeira. Claro que podemos encontrar explicações lógicas para isto: fechar com o pedaço de pau o quarto para a mãe não entrar, por exemplo. Depois, no entanto, o quarto terá chave que ela disputará a tapas com a mãe. Mas é o quarto da mãe ou da filha? Mas tudo isto só compõe o quadro geral, pois as alucinações e as alterações que Nina sente em suas pernas, percebendo-as deformadas de tal sorte que a anatomia e a lógica vão para o brejo, são tão grandes, que o quadro psicótico se impõe e vai levá-la à morte. Não houve como suportar o sofrimento pelo que ela imaginava haver causado à mãe e a Beth.

Mas é ela, Nina, quem nos interessa. Ela sonha, se exercita, luta e só pensa nisto: ser a Rainha-Cisne da Companhia de Danças e também ser a Princesa de seu Sigfried-Thomas-professor.

Nina tem que se defrontar com um grande drama: triunfar sobre Beth, a aposentada Rainha-Cisne, fato que é sentido como um triunfo sobre a mãe. Ao realizar o sonho de ser a Rainha-Cisne, Nina vai roubar os objetos de Beth, para mostrar que ela imagina estar roubando não apenas o lugar de Beth na Companhia de Dança, mas também o sonho da mãe de ser a Rainha-Cisne. Como se pode ver é uma fantasia tresloucada da pobre Nina. O atropelamento-suicídio de Beth pre-

cipita o conflito. Penso que é por isto que ela tem que morrer, por estar não apenas roubando a mãe, mas também matando-a. Para ela isto tem característica de realidade e não é um simples desejo ou uma reles fantasia. O acidente concretizou a fantasia. Lembremos que Nina para nascer matou o sonho da mãe de ser Rainha-Cisne. Recordemos também o esforço de Thomas para convencer Nina de que ela não tem culpa da morte de Beth, a antiga e aposentada Rainha-Cisne e que Beth, na visão de Thomas, desejava inculpá-los, deixando-se atropelar pouco após haverem se despedido dela.

O pai-Thomas diz para Nina: venha para o meu apartamento. Para você ser Rainha-Cisne você precisa ter relação sexual comigo, mas é preciso que você me seduza”, ou seja, mais do que se ofereça. Ela o frustra ao não seduzi-lo. Ele a manda se masturbar: “Vá treinar em casa”. Ela chega em casa. A mãe vê os arranhões na espádua, queixa-se de que a filha esteja se arranhando, corta as unhas dela e Nina então vai se deitar. Ponto Obediente ao mestre, vai se masturbar, mas o faz diante da mãe, para que esta fique assistindo. É o triunfo dela sobre a mãe: ter relação sexual com o pai diante da própria mãe. Só que tudo foi na fantasia, mas, para ela, para a realidade interna dela, ela teria realmente transado com o pai defronte da mãe. Podemos imaginar a culpa diante disto tudo. Lembremos que os dados da sexualidade fundamentais não são com Thomas ou os rapazes de agora, mas sim as fantasias sexuais dela com o pai e com a mãe do passado dela, porque ela ainda está naquele passado. Ela ainda não é uma mulher mesmo, é um bebê. Freud disse que o complexo edipiano é o núcleo central da doença mental.

Vejamos em que passado ela está: o filme é impregnado de masturbação e con-

seqüente corte de dedos e de unhas. Beth, a mãe vencida, acusa-a de “haver jogado bem”, mas neste jogar bem, ao ver de Beth, ela ainda continua o bebê que vê no homem, não realmente um homem, mas sim um seio onde sugar, pois ainda não atingiu a sexualidade adulta de amar realmente um homem, que implica também em ser amada por ele. Mudou apenas de órgão: de um seio passou para um pênis. Um pênis sem sentimento parece mais um pedaço de pau. Seria este pau que ela pegou no lixo e levou para se trancar em seu quarto e se masturbar? Em quaisquer ambientes profissionais ou sociais se encontram paus de lixo no lixo, não apenas em ambientes artísticos. No outro dia ela visita Beth atropelada no hospital. Ela não sente apenas a dor natural pelo que ocorreu com Beth, a quem sinceramente admira, mas sim a imensa culpa pelos ataques que ela imagina haver feito para com a mãe no início de sua vida e que agora são revividos no tripúdio sexual dela para com a genitora. Lembremos que, por amar Beth e amar à mãe é que aumenta o sofrimento e o conflito de Nina. A cena seguinte ao atropelamento tem como tema a referência a que ela está “defunta”, pois quem matou a mãe tem que morrer, não pode continuar viva. O Professor zomba dela, ao afirmar que ela está “defunta” e acrescenta que os homens só desejarão ter relação sexual com ela se ela o seduzir e tiver relação sexual com ele, o pai-Professor. Segundo o professor só aí ela terá vida e será viva e não defunta. Temos que comentar e sublinhar a terrível sedução: “Eu te dei vida para você nascer, te fiz um bebê, agora quero te dar vida de novo para você ser mulher”. Como se fosse só isto -- o ato de penetrar um pênis numa vagina-- é que pudesse fazer um homem ou uma mulher. Seria muito simples. Mas, voltando à sedução do Professor, este é o dilema dela: ter

relação sexual com o pai para poder se sentir viva e se realizar, mas, ao fazer isto estará ocupando o lugar da mãe e, na fantasia dela, matando a mãe e, aí, tendo que se matar. Tem que se tornar “defunta” para apagar a culpa insuportável de haver eliminado a mãe e não poder suportar a dor por haver, em sua imaginação doentia, feito este ato terrível. É o que ela irá realizar no final -- matar-se. Quase que poderíamos dizer que o professor tem muitas características de pai. Por isto ele não representaria tanto o pai, *não simbolizaria* tanto o pai, mas estaria mais próximo de ser o próprio pai, quase concretamente.

### Dilemas da Perfeição

Parece que o Professor via a perfeição sob aspectos terríveis: morder os lábios no beijo, triunfar sem dó nem piedade, usar as pessoas, soltar-se, soltar os instintos sexuais incestuosos, liberar a destrutividade, identificada com o Cisne Negro e com a Morte. Ou seja, um verdadeiro Mefistófeles à procura de uma discípula. Um anti-psicanalista, espera-se. Morder os lábios no beijo exprime o que Bion falou sobre a personalidade do psicótico, na qual o “predomínio dos impulsos destrutivos é tão grande que mesmo os impulsos amorosos são inundados por estes, transformando-se em sadismo”. O nosso Augusto dos Anjos escreveu muito sobre o que fazer com a boca que beija.

É possível que, junto aos conflitos internos com os quais todos nós nascemos em Nina houvesse algo mais, próprio, endógeno que desse um colorido especial ao desenvolvimento de sua vida de fantasia desde a tenra infância. Como é que o pai desaparece da vida dela e surge, ou melhor, ela vai buscá-lo e criá-lo sob a forma de Thomas? Super-exigente, perfeccionista à moda dele, deseja se livrar da culpa até mesmo de cantá-

la e impõe que ele tem de ser seduzido por ela. Ora, valha-me! Mas com o desejo do sucesso, não importando como conseguiu-lo como conseguiu-lo, ele passou a ter na conta dele dois suicídios, o de Nina e de Beth. Mudaram muito os tempos. Vai ensinar Nina a dançar e, na realidade, põe-se a ensinar a moça a beijar. Manda que ela aprenda o sexo fantasiando com ele, ao determinar que ela se masturbe, como primeiro tempo para que, num segundo tempo, corpo a corpo, possa ser com o próprio professor. Não quer perder tempo em minúcias do aprendizado sexual. Que safadão! É algo extraordinário. Mas o fundamental é que ela aceita e luta por tê-lo. Parece que ela encontrou no professor – uma pessoa em quem ela vai colocar seus desejos perfeccionistas, seus desejos sexuais de ser seduzida, para não ter que se haver com a culpa pela realização de tais desejos. Mas a vida também é assim, a gente acha quem a gente procura, embora possa ser diferente e até tal predileção ser modificada em vida, com ou sem Psicanálise. Tal luta custou a vida de Nina e muitas outras Ninas e Ninos. Muitas integrantes do ballet não tiveram que fazer isto que a Nina fez, se matar porque atingiu a glória. Na vida de todos nós, tentamos, como a maior parte das bailarinas da Companhia de ballet do filme, lutar pela nossa subsistência e formação profissional. Criamos e recriamos nossa vida afetiva que felizmente não tem este fim trágico, mas podem dar filmes interessantes, talvez não tanto para serem vistos, mas sim vividos. Dizem que estudantes de Filosofia, Psicologia, Sociologia e Psicanálise é que apreciam filmes assim, cheios de sofrimentos e dores. Os namoradinhos e maridos das outras bailarinas poderiam não ter as galas de Professor-pai-Thomas, mas talvez servissem para bons maridos e bons pais de filhos. É possível que *Cisne Negro* seja um tipo de filme bom para ser



visto, mas péssimo para ser vivido. Nina que o diga. Pagou com a vida por querer vivê-lo. O professor-Thomas é uma criação exclusiva de Nina, escolhido a dedo por ela.

Claro que a trajetória e o desenvolvimento do personagem obedecem ao roteiro escolhido pelo Diretor, mas isto não nos impede de ver o personagem como uma criação do próprio personagem. Em nossa vida nós criamos o personagem que nós mesmos somos. Se quiserem fazer uma comparação é só imaginarmos o Diretor do filme como o inconsciente de todos os personagens da película que ele está criando. Ele, o Diretor, determina o que cada um vai ser e como vai ser. Da mesma maneira nós todos funcionamos em nossas vidas. Isto é, somos apenas personagens do filme de nossa vida, tendo o nosso Inconsciente, com letra I maiúscula, como um Diretor implacável a reger nossa existência, a fazer o que ele nos impõe que temos de realizar. Freud disse que o ego não é o senhor em sua casa. Temos a segurança única de ter a qualquer momento um *The end*, momento em que a platéia vai embora e nos esquece...

Mas vamos voltar à relação com a mãe. Nina é escolhida Rainha-Cisne, mas sabe que sua vitória é insegura. Talvez lembre um pouco a questão do lado negro da Força, do filme *Guerra das Estrelas*, de George Lucas, que exprime também o conflito entre pai e filho, ou melhor, o conflito edipiano entre pais e filhos. Nina e uma mãe inominada estão ali. Nina pretende a independência, mas a culpa pelos ataques fantasiados e reais à mãe não o permitem. Se, o fato de masturbar-se com o pai-professor diante da mãe não foi suficiente, e, pelo contrário, complicou sua situação, a solução foi “soltar-se” mais ainda, desobedecendo à mãe e ao sonho dela, Nina, de ser Rainha-Cisne. Ela cede e se entrega ao lado negro da Força, se entrega a Lily, à droga. O ódio à mãe é manifesto por haver colocado

dentro da genitora tudo o que tinha de autodestrutivo dentro de si mesma. É assim que ela se “separa” da mãe, ou seja, estreita mais ainda a dependência e a submissão à parte destrutiva de Nina. Aí, neste clima enlouquecido, de semi-consciência, tem transas sexuais para que ela possa se exibir à mãe. Tem que contar à mãe para tentar triunfar sobre ela. Mas isto não é suficiente: ela tem que ter relação com uma mulher diante da própria mãe. Ou seja, continua com a mãe. Provavelmente seria esta relação mais íntima, sexual, que ela desejaria com a mãe. A mãe ao querer impedir o ato sexual dela com Lily é sentida, por Nina, como sendo a mãe a desejá-la sexualmente. Nina sentiria que, ao final, a mãe está brigando por ela, ansiando por ter uma relação sexual com a filha. Só assim ela se sente amada pela mãe. No sexo oral, o olhar perverso de Lily, ou a perversão de Lily são imaginados por Nina como sendo da mãe que deseja que ela não seja a Rainha-Cisne porque a mãe é quem teria inveja do fato de ela estar sendo a Rainha-Cisne. Por tudo isto, por ser algo diretamente ligado à mãe, tudo tem que ser com a mãe presente, participando, nem que seja no quarto ao lado... Quando Nina está brigando com a mãe para tomar a chave do quarto e ir para o ensaio final, é o momento em que Nina diz: “Eu sou a Rainha que você não conseguiu ser”. Para Nina a mãe está a fazer tudo para impedir que Nina triunfe. Esta é a imagem interna de mãe que Nina tem. Uma mãe demoníaca e contra ela. Nina projeta esta imagem, que é do interior dela, na mãe. Mas o diabo é que esta imagem de mãe que Nina fabricou é Nina quem fundamentalmente construiu e Nina é quem tem de enfrentar sua criação. Lançar a imagem interior de mãe demoníaca para dentro da mãe não resolve porque o que foi projetado na mãe continua dentro de Nina. Como esta é uma reação muito comum nos seres

humanos, podemos dizer: “Se antes era um inimigo que a gente “sabia” que existia, agora a gente não ‘sabe mais que ele existe’, nega que ele existe e o bicho – o demônio -- está solto dentro de Nina ou da gente, sem vigilância nenhuma de Nina ou nossa”. Quem sabe se fosse um caso de vida real e se colocasse um psicanalista para tentar clarear um pouco a cuca de Nina, talvez ela não precisasse ter que se matar realmente utilizando-se desta forma extrema, terrível para eliminar a parte dela Cisne Negro, culpada de ataques reais ou imaginados à mãe e à relação dos pais. Uma parte de Nina exigia dela a perfeição. Exigia que ela não tivesse nenhum conflito em relação aos pais. Nenhuma mancha passada. Se houvesse uma mancha, uma pena negra significava que ela não merecia o perdão e sim a morte. A perfeição do lado anti-mefistofélico exigiria também que ela fosse só Cisne Branco e não pudesse ter quaisquer fantasias más, que ela fosse inteiramente branca e pura. Esta aspiração levou-a à morte no final: “Sou perfeita”. Mas, para isto, teve que matar o Cisne Negro e, assim ser Branca e só Branca, porém morrendo... Era a idealização ao máximo. Um psicanalista poderia ter uma ação que propiciasse condições para que ela tentasse tratar os conflitos que pudessem surgir, dentro da medida do possível. Tomando consciência da necessidade de exibir sua sexualidade à mãe, é possível que esta sexualidade pudesse ter um outro curso. Por exemplo, não precisasse ter que ser para exibição à mãe, não tivesse que ser obrigatoriamente com o professor-pai, pudesse ser com um colega, por exemplo, e não ter que ser exibida triunfalmente à mãe. A sexualidade pudesse ser até mesmo com o professor, mas que ele pudesse ser vivido como um namorado ou marido mesmo e não como um pai. Que ela pudesse ser a Rainha-Cisne sem ter que disputar com a Rainha-mãe o Rei-pai. Ser algo

mais autenticamente dela e para ela e não contra a mãe ou contra Lily. Se tal não fosse possível, aceitar que tinha esta pena negra, de não querer que Lily fosse a Rainha Cisne e disputasse honrada e lealmente a questão. Aceitando este fato, a pena poderia deixar de ser negra e se tornasse cinza ou branca, pois o objetivo seria oferecer ao mundo a beleza que lhe era possível oferecer. Oferecer o dom com que nasceu e que desenvolveu. Mas isto envolveria gratidão à mãe, diminuição da onipotência e muitas coisas mais. Ou seja, poder enfrentar os sofrimentos pelos danos feitos às suas imagens internas, tentar algum movimento de reparação ao que tenha feito de mau e poder viver, mesmo que não fosse só Cisne Branco e tentasse tolerar algumas penas pelo passado que já passou e que não seja possível mais se desfazer. Mas, não continuar a atacar o mundo bom em torno de si. Através disto poder reconhecer e se defender das Lilys, pois elas existem, embora também exista muita bondade neste mundo de Deus e do Diabo.

Lembremos que a loucura de Nina se acentua intensamente depois de ela “ver” a relação sexual de Lily com o Professor-Thomas-Robarth. Pouco depois ela vê Beth se esfaqueando, que representaria o que ela achava que estava fazendo com a mãe. Neste momento ela não se agüenta mais e aí suas pernas se entortam. As colunas de sustentação de seu triunfo sobre a mãe, suas pernas de bailarina se entortam. Não tem mais pernas e sim penas.

Nina volta para o regaço materno, uma menina a dizer que não podia ocupar o lugar da mãe. Esta, ao final atende à imposição de Nina e trata-a como Nina se impõe, ou seja, se impõe como bebê que ainda é. Neste momento mágico, em que a mãe diz que telefonou para Thomas, o Herr-Professor, informando que Nina não pode ir para o Ballet

tudo se resolve. Magicamente, Nina se limpa de todos os seus aspectos que a impedem de ser a Rainha-Cisne, e despeja tudo na mãe. Em tom definitivo afirma: “Eu sou a Rainha que você não conseguiu ser”. Ou seja, você não vai continuar me impedindo de ser a Rainha-Cisne.

Mas as soluções mágicas são muito perigosas. Neste momento vem a melhor frase de todo o filme e foi dita por Thomas: “Nina! A única pessoa no seu caminho é você”. Esta é uma verdade que vale para todos nós. Não tem mãe, não tem Thomas, não tem pai, não tem ninguém em nosso caminho. Só temos nós. Só temos nós mesmos e estamos terrivelmente sós, sem pai nem mãe externamente, mas com pai e mãe que construímos e que estamos construindo dentro de nós. Se estivermos construindo as imagens de pais dentro de nós, podemos construir estas imagens interiores de modo muito melhor e, de agora em diante, poderemos estar muito bem acompanhados, desenvolvendo Eros em nosso interior.

Freud termina *O mal-estar na civilização* dizendo que

A questão fatídica para a espécie humana parece-me saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição... Os homens adquiriram sobre as forças da natureza tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disto e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois “Poderes celestes”, o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na sua luta com seu não menos imortal adversário [Tânatos]. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?(p.147-8).

Este é o grande mundo de 1930, o mundo de Freud, quando já se prenunciava o nazismo, com a vitória de Hitler nas eleições alemãs. Mas, devemos voltar nosso olhar para o pequeno mundo de Nina, quando ela não conseguiu dominar a perturbação causada pela auto-destrutividade em sua vida pessoal e na sua pequena comunidade familiar e profissional. A nossa angústia é a de que não sabemos se iremos nos exterminar uns aos outros e a nós mesmos como fez Nina, com ela própria e com a mãe, seu pequeno mundo pessoal e comunal. Será que, com a experiência dela, iremos desdobrar Eros para o *amor-caritas*, o verdadeiro amor, amor para com o outro, para que ele possa se afirmar na sua luta com o seu não menos imortal adversário, Tânatos? É uma possibilidade, pois assim também poderemos nos amar, pois teremos menor culpa e, conseqüentemente, menor perseguição interior. Precisamos aprender com os outros, pois todos somos irmãos, irmãos também na dor e no sofrimento. Daí, talvez, possamos partir para alegrias mais genuínas.

### A paciente de Hanna Segal

O caso dela está descrito no artigo *Depressão no Esquizofrênico*, de *A Obra de Hanna Segal*, p. 167 e mostra uma problemática com alguns aspectos semelhantes à de Nina:

Era uma moça bem mais doente do que a Rainha dos Cisnes. Desde os quatro anos de idade ela alucinava. Aos quinze seu pai se suicida. Aos 16 anos já era uma esquizofrênica franca quando iniciou tratamento. Pulava na sala, mordida suas tranças, dedos, almofadas, divã, comendo secreção nasal e poeira do chão. Falava pouco. As interpretações de Segal propiciaram melhoras na paciente. Um dia ela chegou muito bem dizendo que a mãe

a levava ao hospital porque ela estava “magra e pálida”. Daí a paciente recomeçou a alucinar e voltou ao antigo comportamento. Na sessão seguinte ela voltou a falar com ênfase as palavras “magra e pálida” e fez dois pequenos arranhões no pescoço. Como no início do tratamento ela falara em vampiros, Segal interpretou que a paciente estava “magra e pálida” porque a analista era a vampira que a sugava. Ela passou a integrar melhor seu pensamento, mas, na outra sessão, ela voltou a piorar. Segal ficou triste com esta reviravolta e percebeu que a paciente, quando melhorou, “não conseguiu suportar a melhora e a dor por haver “vampirizado” a analista sem ter feito nada de bom com o que recebeu”. A paciente projetou na analista sua parte deprimida e sadia. E ficou mais maluca do que antes. O tratamento continuou. Numa sessão ela jogava coisas imaginárias que pegava no chão e lançava, ao alto, em torno. Segal pensou em Ophélie de Shakespeare, na cena da loucura, jogando flores e enchendo de tristeza a todos, por sua loucura. Era o que a paciente estava a fazer interpretou Segal. A paciente disse: “Ophélie estava louca, não é?” Pela primeira vez a paciente reconhecia sua própria loucura. Foi possível ligar a morte de Polônio, pai de Ophélie, que Hamlet matou, com a morte do seu pai, que se suicidou, daí Segal pôde interpretar seu sentimento de culpa em relação ao pai, de o haver matado porque ele a teria rejeitado.

Poucas sessões após ela disse: “Você quer dizer que todo este círculo vicioso acontece porque eu sempre comi e não fiz nada para reconstruir algo bom dentro de mim?” Estava deprimida e pensativa. No outro dia parecia normal, com a blusa mais aberta e, ao entrar na sala, mudou tudo, ficando enlucada, pulando, se masturbando, dizendo coisas sem nexos, ignorando a analista. Segal percebeu que era uma reação terapêutica ne-

gativa à percepção da véspera, pois agora, se ela suportasse tal percepção, ela teria que se haver com problemas de reconstrução e reparação. “Esta situação obviamente foi intolerável para ela. Ela tinha feito o *acting-out* de modo a capacitá-la a projetar estes sentimentos intoleráveis em mim. Para começar, na sala de espera, ela era a mãe seduzindo-me ao mostrar-me o seio, cumprimentando-me de forma amistosa, desejando despertar esperança em mim; depois, no consultório, ela passou a me frustrar ignorando-me e exibindo-me o coito dos pais em sua masturbação. Ela era a mãe; eu deveria ser o bebê vivenciando a excitação sexual, voracidade, frustração, raiva e culpa”.

No livro *Listening to Hanna Segal*, de Jean Michel Quinodoz, em que ele aborda este caso, ele resume: “No dia seguinte a paciente estava triste e quieta. Segal viu que, de novo, ela estava puxando fios da cobertura do divã, mas, em vez de rasgá-los, ficou a trançá-los. A paciente disse: ‘Você sabe, quando Ophélie estava colhendo flores não era, como você disse, só loucura. Havia muitas outras coisas também. O que era insuportável era o trançar’. Segal disse: ‘O trançar da loucura com a sanidade?’ ‘Sim’, disse a paciente. Segal então mostrou a diferença entre rasgar os fios e trançá-los. Rasgar significava ela destruir sua sanidade porque ela não podia suportar a culpa e tristeza que a sanidade parecia envolver para ela. Através de trançar os fios ela parecia estar dizendo que ela havia recuperado sua parte sadia e que não havia mais loucura nela”.

Segal conclui que o analista deve observar de perto todo o processo “concernente à emergência da depressão e sua subsequente projeção. Desta forma o analista ajuda o paciente a recuperar, reter e fortalecer a parte sadia de sua personalidade”. (p.53)

## Sobre a concretude do pensamento

Em um seminário clínico nosso, uma aluna contava o caso de uma paciente que desejava mudar de onde morava com os pais. Seu pai não o permitia. Por vezes ela desejava tanto mudar-se que pensava, em breves momentos, que era melhor que ele morresse. Na sessão ela lembrou-se disto e chorava copiosamente, sentindo-se muito má por pensar assim e desejar a morte do pai. Os alunos tinham dificuldades em interpretar para a paciente que *ela estava chorando ali na sessão*, por achar que *realmente* havia matado o pai. Preferiam o silêncio ou passar por cima. Consideravam precoce a interpretação. Preferiam deixar que a paciente vivesse como se tivesse matado o pai. Mas, se interpretarmos que é uma fantasia, ela poderá ver que era *apenas* uma fantasia, tomar contato de que seu pai continuava vivo e que ela, portanto, não o havia matado. Se não interpretarmos a paciente vai continuar chorando na vida, imaginando que matou *realmente* o pai e tem que viver eternamente culpada e se punindo. Ela se punia através da doença. Na realidade estamos a dizer para ela, como qualquer amigo sensato diria: “Mas menina, seu pai está vivo. Não precisa chorar não”. Quem deturpa, como esta paciente, desta maneira, sua relação com o pai, que outras coisas deturpará em sua vida e na vida dos que lhes são próximos? Penso que nada sairá ileso. Os níveis desta concretude são imensamente variáveis e maculam nosso mundo pessoal e comunal.

## Abstract

The author comments that the current cinema is making us “voyeurs.” Thus, we invade the alive intimate sexuality of human beings. Chinese technology has already made

a porn film in 3D, in which images are just a few inches from the viewer. Meltzer said that if the analyst of the early twentieth century had to do with the Victorian hypocrisy, we now have to work with the hypocrisy of decay. In *Black Swan*, the absence of the father is filled by the perfectionist Professor Robarth, which considers Perfection only possible if the dancer succeeds in doing herself “letting go” to the maximum. In a mixture of terrible power and seduction, he leads two dancers, two Swans, to death. All this in a stimulating atmosphere of rivalry, of victory at any cost, encouraging envy, jealousy and open sexuality.

## Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1930) *O Mal-estar na civilização*. Rio: Imago. Edição Standard das obras completas de S. Freud. V. 21 SE
- MALINOWSKI B (1976) *Os argonautas do Pacífico ocidental*. São Paulo: Editor Victor Civita. Coleção *Os pensadores*
- MARCHON P (2001) O centenário da Interpretação dos sonhos, de Sigmund Freud, in *Anais da Academia Cearense de Medicina*. Fortaleza: Vol. IX, n. 9. Palestra pronunciada em Janeiro de 1999, na Academia Cearense de Medicina.
- MELTZER D (1978) *The Kleinian development*. Perthshire, Clunie Press
- QUINODOZ J.M.(2008) *Listening to Hanna Segal*. London: Routledge
- ROASEN, PAUL. *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix. 1978.
- SEGAL, HANNA. *A obra de Hanna Segal*. Rio de Janeiro: Imago. 1983

